

# A história que nunca escrevi...

Luís Violante, 2003

## Deambulações, encruzilhadas...

“Ah! C’est un miracle!”, exclamou o velho, quando me viu. Ainda com o capacete apertado no queixo, continuou a andar de lado para lado, procurando onde pousar a pequena garrafa plástica que tinha na mão.

No meu miserável francês, pedi desculpa pelo atraso e justifiquei-o com a marcha lenta dos transportes em ruas apinhadas de automóveis. Sem um sorriso, afirmou que tinha decidido não esperar mais por mim, e que só o milagre explicava a minha chegada na hora certa. Cuidadosamente, pôs a garrafa no chão, procurando que ficasse em equilíbrio, resistindo à ligeira brisa daquela manhã envergonhada de primavera. O velho manteve-se de côcoras enquanto lutava com o recipiente, e assim continuou mesmo depois de ter tirado o capacete e o ter pousado no banco de jardim. Alisou a enorme barba branca, ergueu-se rapidamente e apertou o cinto elástico que lhe segurava as calças. Olhou em volta, e os nossos olhos acabaram por se encontrar. “C’est un miracle!”, repetiu, “c’était la volonté de Dieu!”, enfatizou, após o que se benzeu e uniu as mãos no peito, deixando então o olhar perder-se no chão ainda húmido.

Aquele encontro tinha sido marcado alguns dias antes. Cruzára-mo-nos na rua, quando eu fotografava imagens destinadas à cenografia de uma peça de teatro. Durante esta busca, numa transversal qualquer nas Antas, eu fora atraído por um velho Simca de matrícula francesa, atravancado de produtos de mercearia no banco traseiro, e com o tejadilho carregado de malas de viagem e *jerrycans*. Ao longe, e à primeira impressão, parecia mais um dos carros onde pernoitam os sem abrigo desta cidade. Mas qualquer coisa falhava no quadro. Carros estrangeiros não são normalmente utilizados pelos pobres nativos. Quando me aproximei, à procura de um enquadramento mais favorável, a minha especulação caiu por terra. A visão era, para mim, inédita. Além dos artigos de sobrevivência – mantas, calçado, leite fora de prazo, conservas, tudo amontoado como se o proprietário tivesse apenas a intenção de armazenar e nunca de consumir -, os bancos dianteiros estavam pejados de iconografia religiosa proveniente de diversos lugares sagrados. No *tablier* havia várias bíblias – versões mais ou menos volumosas, em inglês e francês, rosários e crucifixos de madeira e plástico, mas que pareciam ser regularmente manuseados, visto que não estavam cobertos de pó como tudo o resto que enchia o carro. Naquele momento, pensei que não havia ali muito espaço para alguém dormir – a não ser encaracolado.

Enquanto compunha um enquadramento, aproximou-se uma senhora que lamentou o mau aspecto que o carro dava àquela zona, e o facto da polícia não o ter ainda rebocado. Disse-lhe que nem todos tinham a sorte e podiam, como ela, dormir numa casa. A senhora foi embora sem mais uma palavra. De seguida, chegou um homem de meia idade que me perguntou se eu estava a trabalhar para algum jornal. Embora visivelmente desiludido por eu lhe ter dito que não, foi dizendo que seria bom se alguém “deitasse a mão” ao dono do carro. O sentido daquelas palavras não foi, para mim, inequívoco. Estava ele entretido a observar os meus movimentos e a lamentar a degradação humana, quando chegou um velho de longa barba montado numa motorizada Peugeot a pedais. “É ele”, segredou o passante, após o que começou a afastar-se, numa lenta desconfiança, lançando olhares para trás e parando a alguma distância para observar em segurança.

O velho sorriu, ternamente, e esperou que eu baixasse a máquina. Perguntou-me se percebia francês, em inglês. Respondi em francês, o que lhe motivou novo sorriso. Disse-me que eu podia fotografar o carro, mas não a ele. À cautela, não tirou o capacete, o que me obrigou a falar muito perto dele, para explicar o que fazia. Quando viu uma pequena medalha iémenita que trago ao pescoço, estremeceu, e apontou para mim, abanando a cabeça em reprovação. Estacionou cuidadosamente a motoreta, tirou o capacete, pediu licença para passar e entrou no carro, de onde voltou com os Evangelhos, uma edição de capa azul ultramarino, onde sobressaía uma longa cruz dourada. Beijou o livro, benzeu-se, levou os dedos aos lábios, ergueu ligeiramente a bíblia como se pedisse a autorização divina, voltou-se para mim e perguntou onde tinha eu encontrado aquela medalha. Disse-lhe que a tinha comprado numa feira de artesanato. Benzeu-se novamente e quis saber se eu conhecia o significado dos caracteres inscritos no penduricalho. Respondi que não entendia a escrita árabe, mas que tinha grande apreço pela história e pela cultura daquela parcela do mundo.

Em sinal de compreensão, acenou a cabeça. De seguida, disse que eu tinha o diabo no corpo, e que para ele era uma obrigação purificar-me, levando-me a retirar o símbolo do mal e a converter-me à vida cristã. E continuou, dizendo que tinha sofrido muito à mão dos muçulmanos. Soube então que viera do Egipto e que era cristão copta, comunidade minoritária mas que convive pacificamente com o islão.

Comecei a falar do meu desejo de conhecer Alexandria, alimentado pela leitura de Durrell, autor que o velho considerou um dos estrangeiros responsáveis pela devassidão da cidade. Enquanto ele perorava a respeito da dissolução dos costumes, eu falava sobre o fabuloso quarteto de Alexandria, “o grande lagar do amor; os que escapavam eram os doentes, os solitários, os profetas, enfim, todos aqueles que tinham o sexo mutilado” [\[1\]](#)

A conversa acabou por acentuar a vontade do velho na minha conversão. Acho que não estava a prestar atenção ao que eu dizia. Disse bruscamente: "Écoute! Écoute!" Escutei. Eu era cego e a missão dele era trazer-me de novo a visão. Poderia então fazer descer sobre ele a benção de Deus, e, sobre mim, a salvação. "C'est pour la gloire de Dieu", justificou, enquanto se benzia e beijava os evangelhos, a palavra de Deus. "Listen, listen". Começou a ler o Evangelho de S.João[2]:

Ao passar, Jesus viu um homem cego de nascença. Os seus discípulos perguntaram-lhe, então:«Rabi, quem foi que pecou para este homem ter nascido cego? Ele, ou os seus pais?» Jesus respondeu:«Nem pecou ele, nem os seus pais, mas isto aconteceu para nele se manifestarem as obras de Deus. Temos de realizar as obras daquele que me enviou enquanto é dia. Vem aí a noite, em que ninguém pode actuar. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.»

Explicou que o cego era eu, mas que à semelhança daquele que se cruzara com Jesus, nem eu nem os meus pais haviam pecado, mas que tudo acontecia para a glória de Deus. E continuou a leitura:

Jesus ouviu dizer que o tinham expulsado e, quando o encontrou, disse-lhe:«Tu crês no Filho do Homem?» Ele respondeu: « E quem é, Senhor, para eu crer nele?» Disse-lhe Jesus: «Já o viste. É aquele que está a falar contigo.» Então, exclamou:«Eu creio, Senhor!» E prostou-se diante dele [3]

Anunciou a minha salvação, convicto do seu papel no mundo. Eu, convencido do meu, perguntei se não poderíamos encontrar-nos para falar mais calmamente. Expliquei que escrevia para o jornal universitário, e que a história dele me parecia interessante. Aceitou, negando qualquer interesse pessoal mas reafirmando que tudo o que fazia era "pour la gloire de Dieu". Quando lhe estendi a mão para me despedir, pediu desculpa por não poder cumprimentar um pecador. Eu adverti-o em relação aos *vizinhos*.

Enquanto me dirigia para o encontro combinado, pensava nas perguntas que tinha para fazer. Mas já levava algumas respostas comigo. A devoção tem uma força tremenda, só que nem sempre olhamos para os crentes com respeito idêntico. Aos clérigos reservamos a consideração pela eloquência e o respeito que advém da capacidade retórica. Acolhemos os peregrinos, comiserados pelo seu sofrimento, e tratamos de aconchegá-los da melhor forma que conhecemos. Quando ouvimos ecoar nas igrejas os cânticos e as orações dos crentes, espantá-mo-nos por haver, ainda, quem partilhe ideais frontalmente opostos à indiferença em

que os nossos dias mergulham. Mas quando algum evangelista cruza o nosso caminho, tentámos ignorar o doido.

O velho esperara por mim, impacientemente. Sem que eu fizesse qualquer pergunta, começou a falar da missão que o trouxera a Portugal. Vinha para as cerimónias do 13 de Maio, em Fátima, onde esperava assistir a um milagre que lhe tinha sido anunciado numa visão.

Eu ia ali em busca de uma história, mas comecei a duvidar seriamente do interesse editorial da coisa. Objectividade jornalística "obliga". Desisti da peça, e concentrei-me na vida do ancião egípcio, um engenheiro agrónomo formado na Universidade do Cairo que, até à conclusão dos estudos superiores, estivera sempre afastado da prática religiosa, embora tivesse sido criado na comunidade copta.

Um dia, o velho teve uma visão. No recato do seu quarto caiu subitamente, e quando se levantou, enfrentou a imagem de uma plácida Virgem. Sentiu então o chamamento à vida religiosa, e partiu para França, onde arranjou emprego como engenheiro agrónomo. Mas o intuito era estar perto de Lourdes, onde poderia assistir ao milagre que a virgem egípcia lhe anunciara. Enquanto ele falava, eu pensava se ele não teria lido o códice de Tréveros, onde se relata a vida de Santo Antão, e se isso, à imagem dos amigos de Ponticiano, não o teria levado "a inflamar-se, e, à medida que ia lendo, a pensar em abraçar um tal género de vida, e, abandonada a milícia do mundo" [\[4\]](#) a converter-se ao serviço de Deus.

Já firmemente ancorado nos ensinamentos cristãos, que cumpria fielmente, desistiu do seu trabalho para poder consagrar a vida à "loucura da pregação" [\[5\]](#). O decrépito Simca passou então a ser o abrigo do peregrino. Pensei se ele teria alguma vez vivido num túmulo deserto, à semelhança dos seguidores de Santo António Abade [\[6\]](#). Contou que fora já abençoado por diversas visões, uma das quais após um acidente de automóvel nas estradas francesas. Essas aparições nos momentos críticos reforçavam a sua fé, e acentuavam o seu desprezo pelas coisas mundanas.

A certa altura parára numa cidade por alguns dias, e fora tentado por uma prostituta. A "femme en rouge" tinha o rosto do "diable", e o velho, lutando contra Satanás, agredira a meretriz. A polícia deteve-o, e o tribunal determinou o internamento em hospital psiquiátrico. Mas quando abandonou a reclusão, recomeçou a peregrinação e voltaram as visões e as demonstrações do poder divino. Escutei, sempre em silêncio, num ténue equilíbrio entre o desdém e o fascínio.

Quando, finalmente, o peregrino disse que tinha de partir, estendi-lhe uma fotografia de uma imagem da Virgem Negra que eu fotografara em Salamanca. Emocionado, beijou a imagem e abençoou-me. Perguntei-lhe então para onde iria depois de Fátima. "Salamanca!",

quase gritou, esbugalhando os olhos. Quando finalmente se afastou, os versos de Kavafis invadiram o meu silêncio, e tiveram então o seu mais cruel significado:

“Lugares novos não vais encontrar, não encontrarás outros mares

A cidade seguir-te-á. De volta pelos caminhos errarás

os mesmos. E nos bairros os mesmos envelhecerás;

e dentro destas mesmas casas cobrir-te-ás de cães.

Sempre a esta cidade chegarás.”[7]

### **O tempo, a distância, o erro...**

Há uns anos, durante uma discussão sobre o valor da sinceridade, o pai de dois amigos meus dizia que há coisas nas nossas vidas que não se confidenciam nem à mulher que dorme connosco. Ainda que não seja honesto ver na proposta desta disciplina qualquer coscuvilharia intimidade, uma certa propensão para a cautela e a reserva habitual impediram-me de partilhar em sala este episódio. Acima de tudo porque se me afigurou como um exercício penoso para o grupo explorar sistematicamente uma ocorrência que eu pretendia aclarar à luz de um conteúdo disciplinar já antes afluído.

Ainda que tenha participado honestamente nas propostas das aulas, houve durante este processo uma dimensão pessoal de estudo que valorizo especialmente. Ou seja, estando presente e contribuindo para as dinâmicas desejadas, estava contudo burilando outras questões que optei por não expor, em momento algum. Era um trabalho solitário, fundado necessariamente nas discussões dos grupos, mas que prosseguia, a caminho de casa, à medida que compunha o texto e se alterava o modo de olhar o mundo[8], nas interpretações e re-interpretações que, inapelavelmente ocorrem quando algo nos perturba, insistentemente. Nunca desprezei o recato agostiniano; e, nesses momentos “a solidão parecia-me mais propícia”[9] para desocultar os sentidos de uma história que me perturba, ainda.

Sensivelmente um ano após o encontro relatado, o tempo necessário para dissecar, absorver e perceber o que esta experiência significou[10], foi proposto um exercício em que se fizesse uso da memória, no sentido de perceber as simplificações e estratégias a que recorreremos para tratar a informação. A ordenação dos elementos de uma história obedece a alguns esquemas mais ou menos previsíveis, e resulta de uma categorização “essencial para a espécie humana”[11] que permite “reduzir a complexidade do nosso meio circundante”[12], e

em que “a nossa aprendizagem não é sempre posta em questão”[13], permitindo, simultaneamente “construir um mundo significativo, estável, explicável e consequentemente previsível”[14].

Eu, que me julgava imune a estas armadilhas, habituado a olhar para os acontecimentos colocando-me sempre em perspectiva, não sou afinal tão inexpugnável quanto pensava. Afinal, se o fosse, se valorizasse efectivamente a diferença e não procedesse a juízos sumários, teria aceite o lugar que o velho tem no mundo como uma afirmação identitária tão legítima quanto a minha. No entanto, a determinada altura decidi que a personagem não merecia crédito, basicamente pelos sinais de devoção exacerbada que transpareciam até alguma alienação. Fí-lo, efectivamente, recorrendo a uma extrema simplificação que resultou, julgo eu, de uma espécie de *deja vu*: eu reconhecera os sinais da loucura. A difusão dos indícios que eu descortinára no velho determinou o meu juízo: o desprezo pelas coisas terrenas, a pose beatífica e algo alucinada, a tentativa de conversão, tudo me levára a colocar o ancião do lado dos indignos de crédito.

Todo o episódio é revelador de uma representação social que eu sempre recusára. No entanto, soçobrei à sua influência: o interesse que a história de vida daquele homem inicialmente teve desvaneceu-se à medida que eu, a bitola da sanidade, lhe negava a paridade no mundo dos equilibrados. Na altura tudo me pareceu normalíssimo. Agora, consigo desmontar todo o esquema, e perceber que resultou de uma pré-conceptualização vivendo na minha cabeça, e que emergiu quando o estímulo adequado surgiu, estabelecendo-se uma correlação, então inegável, entre o discurso da realidade – o episódio contado – e a paleta de cores que me ajuda a descrever o mundo.

## Topo

Faz, por isso, todo o sentido, a afirmação de Herzlich: “A representação social, como processo de construção da realidade que é, actua simultaneamente sobre o estímulo e a resposta”[15]. De facto, a minha grelha de leitura colocou o velho num canto da sociedade reservado aos lunáticos. Mas não é necessariamente assim: dificilmente, no padrão cultural de que faço parte, é atribuído aos clérigos algum tipo de desequilíbrio; pelo contrário, reafirma-se constantemente a importância dos valores, regras de conduta e padrões morais que emanam de concepções religiosas tradicionalmente vigentes. Ora, que diferença há entre os padres da paróquia em que me socializei e o egípcio que, sustentado no mesmo recurso – a bíblia –, e usando a mesma estratégia – a argumentação retórica – pretende colocar-me no caminho do bem e do serviço de Deus? Essencialmente, uma: os párocos trabalham nas comunidades, procurando a harmonia terrena, mas o ancião pareceu-me mortificado pela ânsia do céu - um refém de Deus. A estes reservamos o lamento pelo martírio, aos primeiros o respeito pela

resignação à terra. De resto, não compreendemos povos que condicionam toda a sua vida à vivência da religião, porque o nosso afã é mais comezinho e não nos permite reservar a Deus senão uns breves momentos de oração solitária ou liturgia comunitária.

Sobre este homem eu não tinha mais que um conhecimento superficial; contudo, atrevi-me a condená-lo em face da minha razão. Exactamente da mesma forma que não me esquivei a emitir juízos sobre outros temas, quando me pediram. Falei com os dados que tinha – à semelhança de todos os outros –, e das minhas concepções não estiveram ausentes as minhas ignorâncias. À sobrançeria do nosso pensamento, *nihil obstat*.

Ao fim e ao cabo, naquela história nada estava fora do lugar. O fervor religioso era extremado pela constante benzedura, os bentinhos inundavam o tugúrio do velho, a vida de peregrinação obstinada aos lugares santos. A isto juntavam-se as histórias de visões e sinais divinos, legitimadores de uma atitude profética e redentora do velho.

O filme não era novo. Afinal, que comportamento esperar de um fanático religioso? O desprezo com que me encarou, quando descobriu a minha medalha, irritou-me. Eu, que não suporto as condenações baseadas nos valores, não tendo uma razão *lógica* para usar o artefacto – ela é de ordem afectiva –, ostensivamente apresentei-me ao segundo encontro com o penduricalho solto sobre a camisola. Acho que esperava o correspondente acesso de fúria evangelizadora. Mas tal não aconteceu, o que me baralhou. Pelo contrário; a candura com que o homem narrou a sua vida desconcertou-me. De um dia para o outro, passei a ser alguém de confiança. E nada me levava a imaginar que a oferta de uma imagem religiosa emocionaria o homem, que não escondeu os olhos húmidos quando me fitou, ternamente, como se eu tivesse partilhado com ele um último pedaço de pão.

Que capa envergava o homem para que eu duvidasse da sua importância no mundo? E, por outro lado, que sinais perturbavam os passantes, desconfiados espectadores do ancião? Talvez a convicção da realidade em que vivia. Tudo nos seus gestos convocava a atenção das pessoas para a sua mensagem, e não deixava ao acaso nenhum pormenor da coreografia: o livro santo erguido à frente do interlocutor, atestando a origem inquestionável das profecias, o recato das fontes de conspurcação, o olhar afastado das armadilhas do mundo que passavam meneando as ancas, a invocação constante do nome de Deus. Mas eu estarei a ser injusto ao duvidar daquele desempenho sincero[16]; nunca duvidei da convicção do egípcio, embora desdenhe tantas vezes do arrebatamento com que tanta gente expõe a sua fé. Esse, às vezes, é uma manifestação de cinismo que não tem outro fim senão manter o *status* e confirmar a pertença. E, ao confrontar as atitudes do velho com as minhas vivências religiosas, descubro que é “nestes papeis que nos conhecemos uns aos outros; é nestes papéis que nos conhecemos a nós próprios”[17]. Na vida do copta não havia auto-engano. Na minha, há algumas sombras.

Mas outras coisas no homem empurraram o meu juízo: a longa barba branca, denunciando largos anos de liberdade, afiada pelos dedos magros e de unhas limpíssimas; o desleixo com que vestia, embora a roupa estivesse imaculadamente limpa; um olhar perdido no horizonte, ainda que, a períodos, calorosamente terno; a pose beata, em permanente contrição e reverência ao céu. A fachada condenou-o: um lunático, decidi. Tudo reforçava a impressão que lentamente registei do africano. Nada se contradizia, tudo se confirmava e dava consistência à fachada pessoal do actor, e que esperamos “que o acompanhem onde quer que ele se encontre”[18]. E não duvido que o egípcio encontrou em Salamanca algum condóido ouvinte que, zeloso, não descansou enquanto não o colocou na rota de um novo lugar de culto, confirmando o seu papel social, perfeitamente pré-definido pela estrutura mental que nos suporta.

Se a primeira impressão que tive do homem foi relativamente *inocente* – a de um infeliz remetido ao abrigo da casa possível –, num segundo momento a personagem começou a inquietar-me, à medida que guarnecia a figura com um conjunto de sinais que o tornavam *ameaçador*. Embora eu tenha sempre convivido com pessoas da margem – costumo dizer que tanto converso com p... como com padres –, assustaram-me sempre as manifestações de fervor religioso. E as afirmações de devoção do velho eram inequívocas, atestando factos que poderiam ter permanecido “ignorados ou obscuros”[19].

Curiosamente, tudo no seu comportamento delineava uma imagem perfeitamente idealizada por mim relativamente aos prisioneiros de Deus. De facto, ele ter-me-ia baralhado se denunciasse preocupações terrenas. Mas tudo nele reafirmava os valores morais apregoados. Não precisava sequer de olhar as mulheres; adivinhava nelas o trejeito do pecado, o mesmo que o levava a condenar a “femme en rouge” gaulesa. Não havia dúvidas, nem pontos fracos no guião.

Ou se havia, eu não os detectei. Apenas um pequeno sinal pode ser interpretado como um deslize —e mesmo assim, só com uma grande descaro. Quando propus a entrevista, pareceu-me vislumbrar um lampejo de júbilo e de orgulho. No entanto, o apóstolo foi célere a afirmar que tudo era “pour la gloire de Dieu”; afinal, o descendente de Paulo obedecia à Escritura: “aquele que se gloria, gloria-se no Senhor”[20]. A alegria emanava da hipótese de louvar a Deus, fazendo público testemunho de fé. Será que há, inevitavelmente, “uma discordância decisiva entre o nosso eu demasiado humano e o nosso eu socializado”[21]? À distância de um ano, reforçado por algumas leituras sobre a conversão e a prática religiosa, fará sentido afirmar que sob “os nossos princípios apregoados e sob a nossa linguagem comprometida, teremos de esconder aplicadamente os nossos humores e o nosso comportamento (...)”[22]?

Não. Não havia hipocrisia na vontade de falar sobre a sua vida, porque a sua vida tinha sido devotada a Deus. Falar sobre a sua vida era falar sobre Deus. O louvor era a Deus. E não, não havia simulação ou engano, nunca pressenti a ilusão. Por ser tão sólida, por não haver indícios teatrais, nunca aquela representação poderia ser desmentida ou desvalorizada.

Mas, em certas alturas, quando recusou apertar a minha mão ou quando passou à distância em busca do evangelho, o velho tentou afirmar uma certa *aurea*, uma espécie de distância entre a inocência e o pecado, negando uma familiaridade que poderia por em risco a credibilidade da sua causa. E eu sem dúvida contribuí para isso, porque nunca ousei contestar os fundamentos da fé. Parece-me até que me reconheci no cego do evangelho. Será que não estive ali em busca do “fim da minha torpeza?”[\[23\]](#)

No início havia temores e distâncias que ambos denunciámos, convictos dos nossos papéis. O que não significa que os papéis por nós assumidos teriam a ver com uma qualquer realidade *real*. Pelo contrário; sem ensaiar, entrámos rapidamente nos papéis que as circunstâncias reivindicavam[\[24\]](#). Eu não apouco o significado dos valores religiosos na vida dos homens, e não acho que os que se rendem aos desígnios se anulam na terra. Nada disso. E nem acho que se lhes deva negar o protagonismo nas páginas dos jornais. E também não acredito que a primeira impressão que deixei no ancião tenha perdurado. Ou ele não teria denunciado a comoção pelo meu pequeno gesto. Mas todos representamos um papel, que aprisiona o “homem naquilo que ele é, como se vivêssemos no medo constante de que ele possa fugir a isso, de que possa escapar-se e evadir-se subitamente da sua própria condição”[\[25\]](#)

#### **Referências bibliográficas:**

AGOSTINHO, Santo (2001). Confissões. Lisboa: INCM. Coleção Estudos Gerais

DURRELL, Lawrence (1972). Justine. Lisboa: Editorial Verbo – Coleção Livros RTP

GOFFMAN, Erving (1993). A apresentação do eu na vida de todos os dias. Lisboa. Relógio d'Água.

JOÃO, São (2001). Bíblia Sagrada. Fátima: Difusora Bíblica

KAVAFIS, Konstandinos (1994). Poemas e Prosas. Lisboa: Relógio D'Água Editores

LEYENS, J-P. (1985). Teoria da personalidade na dinâmica social. Lisboa: Verbo

PAULO, São (1998). 1.ª Carta aos Coríntios, In *Novo Testamento*. Fátima: Difusora Bíblica

STEWART, Stanley (1991). O Velho Nilo – Viagem à nascente. Mem Martins: Publicações Europa- América. Coleção Aventura & Viagens

#### **Sítios da Internet consultados:**

<http://www.poynter.org>

- [1] Lawrence Durrell, *Justine*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972, p. 10
- [2] São João, *Evangelho* In Bíblia Sagrada. Fátima: Difusora Bíblica, 2001, p.1748
- [3] *Ibidem*, p.1749
- [4] Santo Agostinho. *Confissões*. Lisboa: INCM. Colecção Estudos Gerais, 2001, p. 186
- [5] São Paulo, *1.ª Carta aos Coríntios*, In Novo Testamento, Fátima: Difusora Bíblica, 1998, p.303
- [6] Stanley Stewart. *O Velho Nilo – Viagem à nascente*. Mem Martins: Publicações Europa- América.,1991, p.56
- [7] Konstandinos Kavafis, *Poemas e Prosas*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1994, p.25
- [8] Lyan Franklin, *The Loneliness of writing*, Poynteronline, 2002
- [9] Santo Agostinho. *Confissões*. Lisboa: INCM. Colecção Estudos Gerais, 2001, p. 196
- [10] Veronica Rusnak, *Turning Personal Experience Into Narrative*, Poynteronline, 2002
- [11] J.P. Leyens. *Teoria da personalidade na dinâmica social*. Lisboa: Verbo, 1985, p.11
- [12] *Ibidem*, p.11
- [13] *Ibidem*, p.11
- [14] *Ibidem*, p.11
- [15] *Idem*, p.17
- [16] Erving Goffman. *A apresentação do eu na vida de todos os dias*. Lisboa. Relógio d'Água, 1993, p.30
- [17] *Ibidem*, p.33
- [18] *Ibidem*, p.36
- [19] *Ibidem*, p.43
- [20] São Paulo, *1.ª Carta aos Coríntios*, In Novo Testamento, Fátima: Difusora Bíblica, 1998, p.303
- [21] Santayana, citado por Erving Goffman. *Op. cit*, p.72
- [22] Erving Goffman. *Op. Cit.*, p.73
- [23] Santo Agostinho., *Op. Cit.*, p. 196
- [24] Erving Goffman. *Op.Cit*, p.90
- [25] *Ibidem*, p.93